

## Reflexões atuais da ancestralidade nos escritos de Potiguara

Janete Ajala da Silva & Célia Regina Delácio Fernandes  
(Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil)<sup>1</sup>

**Resumo:** Com o atual contexto da pandemia torna-se necessário refletir sobre a relação da sociedade com o planeta Terra para uma mudança de paradigma. Nessa perspectiva, este artigo faz um estudo da ancestralidade na obra *A Cura da Terra* (2015), da autora indígena Eliane Potiguara, por meio da personagem avó e sua relação com a neta, partilhando saberes ancestrais e unindo as duas pontas da vida numa comunhão de valores e afetos: a infância e a velhice. Ao narrar uma história coletiva de tristeza e sofrimento, que causou o adoecimento da Terra, o texto aponta para a necessidade de rever as relações com o meio ambiente. Assim, a narrativa dialoga com a tragédia pandêmica mundial da Covid-19 e contribui para repensar os valores e as transformações tão necessárias para as crises sociais e socioambientais. Para a análise da obra, parte-se dos estudos de Benjamin (1985), Bosi (1994), Candido (1995), Graúna (2013), Jekupé (2009, 2013) e Mundukuru (2014, 2019).

**Palavras chave:** Eliane Potiguara, Literatura indígena, Ancestralidade, Cura da Terra.

**Abstract:** Considering the current pandemic context, it becomes necessary to give thought to the relation between society and earth for a change of paradigm. Toward this perspective, this article brings an ancestry study of the novel *A Cura da Terra* (2015), wrote by the indigenous author Eliane Potiguara, where it shows a grandmother a granddaughter relationship, sharing an ancestral history while trying to connect their lives through values and affection: childhood and old age. The grandchild is told about the history of sorrow and struggle that caused the Earth's illness, pointing out the need to review its connection with the environment. Therefore, the narrative approaches the worldwide pandemy Covid-19 inviting to think better of values and transformation needed in social and environmental crises. This novel analysis is done by the studies of Benjamim (1985), Bosi (1994), Candido (1995), Grauna (2013), Jekupe (2009);(2013), Mundukuru (2014); (2019).

**Keywords:** Eliane Potiguara, Indigenous literature, Ancestrality, Cura da Terra.

*Recibido:* 3 de setiembre. *Aceptado:* 12 de diciembre.

---

1. Janete Ajala da Silva é mestre em Letras, pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Célia Regina Delácio Fernandes é professora doutora do Programa de Pós-Graduação em Letras - da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

## Introdução

Em meio à atual pandemia, em que um ser invisível a olho nu ceifa vidas e força as pessoas a não terem contato físico com outras e a se manterem fechadas em casa; em que a política neoliberal, despreocupada com os efeitos negativos do uso exacerbado dos recursos naturais e humanos, remete à insegurança; e mediante o temor acerca da continuidade do problema, bem como a ambição financeira e os lucros a partir da exploração sem medidas da terra e da natureza, acabamos nos esquecendo das relações interpessoais e dos valores que norteiam ou norteavam a harmonia entre humanidade e Terra. Em contraposição, diferente dos não indígenas, os povos originários, ao longo de muitas gerações, desenvolveram relações afetivas e de reciprocidade com a natureza, concebendo a Terra de maneira sagrada como uma Mãe, e interagindo com ela de forma harmoniosa e equilibrada. Por se sentirem parte da natureza, a maioria dos povos indígenas sabe respeitá-la e retirar dela apenas o necessário, para não destruí-la, apontando para outra possibilidade de relação com o meio ambiente.

No decorrer do processo de colonização, e da expansão do sistema capitalista, os povos indígenas foram sendo destruídos, junto com a natureza; mas apesar do desaparecimento de muitas etnias e da diminuição da população indígena no Brasil, que continua resistindo por mais de 500 anos, os indígenas continuam vivos, integrados em diferentes ecossistemas e servindo de inspiração para uma mudança de paradigma em nossa relação com o meio ambiente. Segundo os dados do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE),<sup>2</sup> na população brasileira há aproximadamente 817.963 mil indígenas, equivalente a 0,47% dos habitantes do país, pertencentes a 305 etnias diferentes, com 274<sup>3</sup> línguas indígenas. Esses números ainda representam uma grande diversidade de etnias, as quais têm crenças, línguas, culturas, histórias, pinturas particulares e valores.

Valores estes passados de geração a geração por meio da ancestralidade, termo este que nos remete aos indígenas, povos que conseguiram trazer e manter, a despeito do percalços históricos e tragédias coletivas, os mesmos valores que atualmente os não indígenas deixaram em segundo plano, que descartaram em detrimento do dinheiro, da riqueza e do lucro.

Em vista da urgência em mudar nossa relação com o meio ambiente, é possível recorrer à literatura indígena como produção cultural que nos permite discutir a relação entre literatura e vida. Desse modo, a partir dos elementos constitutivos na obra *A Cura da Terra* (2015) de Eliane Potiguara, pretendemos abordar a ancestralidade indígena por

---

2. O último Censo no Brasil foi realizado em 2010 pelo IBGE, estas informações estão expostas no site <https://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/lingua-falada>

3. Contudo, há outros estudos e pesquisadores, assim como o Aryan Dall'Igna Rodrigues (1993 99), que afirmam que “existem ainda no Brasil cerca de 180 línguas indígenas”.

meio da personagem avó, que traz uma história de tristeza e sofrimento e a transforma em uma narrativa de motivação para sua neta; e, ao mesmo tempo apontar um paralelo com o atual contexto pandêmico mundial da Covid-19. Portanto, com este estudo, almejamos contribuir com conhecimentos a respeito da ancestralidade na cultura Potiguara, compreendida como suporte para repensar as relações entre os seres humanos e a Terra, bem como entender que a ancestralidade indígena é vivida pelos indígenas como uma prática. Ao lado disso, buscamos promover reflexões sobre o tema em pauta, visando melhorar o cotidiano em meio a pandemia e, ainda, resgatar alguns valores que estão depreciados.

## 1. A Literatura Indígena no Brasil

Primeiramente, abordaremos a importância da literatura para a sociedade, haja vista que é fundamental que todos e todas tenham acesso à literatura. Em seguida, apresentaremos algumas considerações de autores indígenas acerca da ancestralidade e da literatura indígenas.

Para Antonio Candido (1995), a literatura é considerada amplamente essencial para todas as sociedades independente da classe social e “não há povo e não há homem que possa viver sem ela [...]” (174). Destarte, fica claro que ele considera o acesso à literatura para todos(as) como um direito humano.

Neste viés, Candido (1995) afirma que tanto o homem quanto a mulher têm a necessidade de se afastar por alguns minutos da rotina agitada da vida moderna. Posto isto, e, para melhor entendimento, apresenta uma diferença para explicar que a literatura está relacionada aos direitos humanos, entre eles o direito a “bens compreensíveis” e “bens incompreensíveis”. Os “bens incompreensíveis” estão relacionados “com o problema dos direitos humanos [...] isto é, os que não podem ser negados a ninguém” (Candido, 173).

Logo, fica evidente que a literatura pertence ao grupo de “bens incompreensíveis”, uma vez que ele a considera tão importante quanto as outras necessidades básicas do ser humano, como, por exemplo: alimentos, água, ar.

Por isso a luta pelos direitos humanos pressupõe a consideração de tais problemas, e chegando mais perto do tema eu lembraria que são bens incompreensíveis não apenas os que asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual. São incompreensíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc.; e também o direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura (Candido, 173-74).

Os “bens compreensíveis” são as necessidades fúteis cuja ausência não causará problemas às sociedades, como objetos de beleza, roupas, bolsas, enfim, coisas consi-

deradas “supérfluas”, sem as quais podemos viver perfeitamente. (Candido 173). Contudo, ao contrário, os “bens incompreensíveis” não podem ser exterminados, pois sua falta causará muitos danos às pessoas e ao coletivo. Nesse sentido, destacamos a Lei nº 11.645/2008, que, ao garantir que as escolas públicas e privadas do país tenham acesso à história e à cultura dos povos indígenas, torna-as “bens incompreensíveis”. Após esta lei e por meio da publicação de obras, a autora Eliane Potiguara, assim como diversos escritores indígenas de outras etnias, estão divulgando as culturas, as histórias e os costumes dos povos indígenas, registrando-as nos livros, construindo, assim, um bem coletivo para suas comunidades. Além de, também, em muitos casos, dedicarem-se à produção de ficções.

Nessa direção, o autor Daniel Munduruku, em entrevista,<sup>4</sup> ao tratar do papel da literatura no contexto do movimento indígena brasileiro, afirma que:

Através da ficção, da poesia, do romance, da crônica, da novela, entre outros gêneros literários, podemos esclarecer, educar, motivar e aproximar estas duas sociedades tão próximas e tão distantes. Além disso, a literatura pode dar uma lição ao próprio movimento indígena: ao abordar temas caros ao movimento podem mostrar caminhos bem menos espinhosos para lidar com eles (Bailey, y Zilberman, 2010 222).

A crítica do autor é pertinente e envolve a relação dos não indígenas com os povos indígenas. Neste estudo, acreditamos que por meio da literatura é possível abarcar várias questões e, conseqüentemente, refletir sobre o outro, respeitar o outro, compreender a história a partir do olhar do nativo, promover conhecimento, sobretudo dos jovens nas escolas, para que, desta forma, possamos diminuir a formação precipitada de estereótipos errôneos, o que, de acordo com professora e escritora indígena Graça Graúna “implica um posicionamento discriminatório que se apoia no que Homi Bhabha (1998) chama de *repúdio de diferenças*; quer sejam diferenças raciais, históricas, culturais ou literárias” (Graúna, 2013 93). Este fato, infelizmente, ainda perpetua em nossa sociedade. Trata-se de uma posição discriminatória dos não indígenas em relação aos indígenas, principalmente nas cidades em que há reservas indígenas, como, por exemplo, em Dourados/MS, onde o preconceito é bem explícito e vivido diariamente.

Na obra *Literatura escrita pelos povos indígenas* (2009), ao lembrar do lançamento do livro *Metade cara, metade máscara*, da autora Eliane Potiguara, o autor Olívio Jekupé<sup>5</sup> menciona um trecho da fala da autora sobre o papel da literatura indígena, quando afirma que “a literatura indígena cumpre o papel de resgate, preservação

---

4. Para a entrevista completa, concedida a Cristina Ferreira Pinto Bailey e Regina Zilberman, em 2010, acessar o site. <http://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/iberoamericana/article/viewFile/6657/6833>.

5. Olívio Jekupé, autor indígena, tem publicadas mais de 11 obras literárias destinadas às crianças.

cultural, fortalecimento das cosmovisões étnicas. [...] Povos indígenas devem caminhar com seus próprios pés” (Jekupé, 22).

Com efeito, o autor Olívio Jekupé é um escritor que defende a literatura produzida por nativos, em suas palavras: “através de todos os escritores indígenas, seremos muito mais valorizados. Isso é importante mesmo que muitos nos critiquem porque acham que índio tem que ficar no mato, sem saber de nada” (Jekupé, 22). Comungamos da ideia do escritor, e acreditamos que o leitor poderá conhecer diferentes culturas indígenas e suas especificidades, saberes, conceitos e costumes, não através da perspectiva de autores não indígenas, mas, principalmente, a partir do olhar sobre si mesmo.

No que diz respeito à ancestralidade indígena, o autor Munduruku (2017 117) ressalta que a tradição dos povos indígenas “é passada pelo uso da palavra, o ‘dono’ dela é o ancião, o velho, o sábio”. Sendo assim, os idosos têm a tarefa de orientar as crianças ao mesmo tempo que propagam suas histórias e tradições, os mais velhos explicarão, por exemplo, os vínculos de seu povo com a terra, e, portanto, esclarecerão que a sintonia com a Terra depende de como se cuida dela, de modo digno e respeitoso.

Nesse diapasão, Casé Angatu Xukuru Tupinambá<sup>6</sup> (2018 38) afirma que “a sabedoria é anterior ao conhecimento. A sabedoria é algo ligado à natureza, é algo ancestral”. A indígena Márcia Moura (2008 54), por sua vez, afirma “ancestralidade Indígena foi repassada por minha avó materna, que mesmo não dizendo em palavras que era indígena, me ensinou a ser. A relação que tenho com a natureza foi minha avó que me ensinou”. Ela, ainda, relembra a fala do indígena Ailton Krenak ao retomar Moura (2018 55): “a memória indígena é ancestral e é preciso ir puxando seus fios”.

O autor Munduruku, ao falar da tradição dos indígenas, pondera que o homem branco “não cultua os ancestrais [...]. Para o indígena todo solo é sagrado, daí o cuidado por todo o território onde perambula. É uma relação de responsabilidade que ele mantém com tudo, daí o cuidado, a não especulação, a não-propriedade privada” (Bailey, y Zilberman, 2010 222).

É importante ressaltarmos que a ancestralidade está diretamente ligada aos velhos, fato observado também na obra literária *Lua-menina e Menino-onça* (2014), em que a autora Lia Minápoty, da etnia Maraguá, expõe, no prefácio, a origem do livro: “baseado nas lendas que me encantava, ao ouvir quando ainda criança, na minha aldeia. As histórias eram sempre narradas pelos mais velhos, como forma de transmitir ensinamentos e saberes de nosso povo (Minápoty, 2014). Sobre isso, Munduruku (2017) relata que as histórias são contadas pelos velhos para toda a comunidade, independentemente da idade, que ouvirá a narrativa contada de geração em geração. Todo esse aprendizado de

---

6. Para a entrevista completa do professor indígena para a revista *IHU*, acessar o site <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/582188-cosmologias-indigenas-e-tema-da-ihu-on-line-desta-semana>

respeito à natureza vai ser absorvido pelo inconsciente das crianças por meio da contação das histórias.

Ao fazer referência específica aos velhos, a autora Ecléa Bosi (1994) desenvolve um estudo acerca da memória social, com foco na velhice e na lembrança dos velhos. Ela enfatiza que a perda das forças físicas pelo homem faz com que deixe de ser um agente ativo na sociedade, ele passa a ter a função de lembrar, de ser a memória. Por isso, salienta que:

Nas tribos primitivas, os velhos são guardiões das tradições, não só porque eles as receberam mais cedo que os outros, mas também porque só eles dispõem do lazer necessário para fixar seus pormenores ao longo de conversações com os outros velhos, e para ensiná-los aos jovens a partir da iniciação. Em nossas sociedades também estimamos um velho porque, tendo vivido muito tempo, ele tem muita experiência e está carregado de lembranças. Como, então os homens idosos não se interessariam apaixonadamente por esse passado, tesouro comum de que se constituíram depositários, e não se esforçariam por preencher, em plena consciência, a função que lhes confere o único prestígio que possam pretender daí em diante? (Halbwachs, 142; citado por Bosi, 1994 63).

Em vista disso, podemos observar que as vivências e lembranças mencionadas pela autora estão presentes na narrativa *A Cura da Terra*, já que a anciã carrega a ancestralidade por meio de sua experiência e de sua memória. Ela acrescenta que “a arte da narração não está confinada nos livros, seu veio épico é oral. O narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que o escutam” (Bosi, 1994 85).

A respeito da função de narrar, Walter Benjamin (1985) afirma que nesta arte existem dois tipos de narrador. Assim o pensador explica: “quem viaja tem muito que contar”, diz o povo, e, com isso, imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também, escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições” (Benjamin, 198-199). Neste estudo, daremos ênfase ao segundo narrador apresentado por Benjamin, isto é, aquele que não se afastou de seu local, pois esta é outra característica da personagem anciã presente na obra. A autora ressalta que “a arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana” (Bosi, 1994 90).

De forma mais detalhada, Bosi destaca que entre o narrador e o ouvinte há uma ligação, cujo objetivo é o de preservar o narrado, e, também, que isso deve ser propagado. Dessa maneira, ela defende que “a memória é a faculdade épica por excelência. [...] A história deve se reproduzir de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos” (Bosi, 90).

A autora, ainda, observa que o velho contempla a função de: “lembrar e aconselhar –*memini, moneo*– unir o começo e o fim, ligando o que foi e o por vir”. Entretanto, há uma ruptura causada pela sociedade moderna atual, sobretudo, cruel com os idosos, pois “recusa seus conselhos. [...] desarma o velho mobilizando mecanismos pelos quais oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa” (Bosi, 18).

De fato, a sociedade contemporânea desvaloriza o idoso e não dá importância aos saberes dos povos indígenas. A importância do ancião para a comunidade –crianças e adultos– somente é percebida em momentos de desvios e alterações, geralmente momentos que envolvem perdas, períodos de desequilíbrio. E segundo os indígenas, o planeta Terra está doente, justamente pelo desequilíbrio humano na forma de viver e de utilizar os recursos naturais.

## 2. A relação de Moína e da Avó em Potiguara

Eliane Lima dos Santos, mais conhecida como Eliane Potiguara<sup>7</sup>, nasceu em 29 de setembro de 1950, na cidade do Rio de Janeiro. No ano de 2020, a autora completou 70 anos. Potiguara é formada em Letras Português –Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e licenciada em Educação pela mesma faculdade. Ainda, possui especialização em Educação Ambiental pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). O seu nome se destaca dentre os mais renomados autores indígenas, pela sua trajetória de escritora e pelo seu engajamento em prol das causas dos indígenas. Além disso, ela é contadora de histórias, poeta, mãe, avó e ativista das causas indígenas.

Eliane Potiguara é autora de sete livros literários que abordam questões indígenas no Brasil. Seus textos estão publicados em diversos sites, coletânea de trabalhos literários e e-books tanto no Brasil quanto internacionalmente. Dentre as obras destacam-se: *A terra é a mãe do índio* (1989); a cartilha de alfabetização “*AKAJUTIBIRÓ, Terra do índio Potiguara* (1994)”; *Metade cara, metade máscara* (2004), considerada a obra mais conhecida da autora. De acordo com Pinto e Lima (2017 04), a obra tem “cunho biográfico, traz breves relatos-denúncia de sua família. O testemunho, entretanto, tem sentido metonímico por não ser “um caso particular, mas um caso comum a milhares de brasileiros, migrantes indígenas” (Potiguara, 2004 24; Pinto; Lima 4). No âmbito da literatura infantil, publicou as obras *O Coco que Guardava a Noite* (2012), *O Pássaro Encantado* (2014) e *A Cura da Terra* (2015).

*A Cura da Terra* (2015), obra publicada pela Editora do Brasil, objeto de estudo deste artigo, contempla ilustrações em todas as páginas da narrativa. Elas são grandes e

---

7. Informações publicadas pela própria autora em seu blog. <http://www.elianepotiguara.org.br/>

coloridas, o que torna a obra mais atrativa ao seu público alvo. Inclusive é possível a leitura das imagens por crianças que estão em processo de alfabetização, pois por meio do texto não verbal e lúdico, o leitor compreenderá que se trata de uma história da cultura indígena Potiguara. Este contato ampliará as referências estéticas e culturais do leitor, bem como contribuirá com os conhecimentos sobre si e sobre o outro.

O livro narra a história de uma menina de oito anos de idade, chamada Moína, uma menina muito curiosa que faz várias perguntas a avó, as quais são respondidas com atenção pela anciã, baseando-se em suas experiências e vivências. Moína, antes de dormir, pede para ouvir uma história para sonhar. A avó relata um fato de tristeza na comunidade: momento de invasão na aldeia. Os invasores acabaram com tudo de bom do grupo, a união, a harmonia, a felicidade da aldeia e as rotinas: colaboração, cantorias, bondade. A maldade, o vício, o sofrimento e a mentira invadiram a vida de quem residia ali. Como se não bastasse todo o mal, escravizaram os indígenas, forçando-os a trabalhar nas terras que a eles próprios pertenciam, obrigados a plantar algodão. Também havia castigos para quem desobedecesse ou se negasse ao trabalho obrigatório.

Entretanto, a avó menciona que: “os espíritos dos antepassados observavam a infelicidade da Terra, a divisão entre as pessoas e percebiam o sofrimento daquelas que tinham de se submeter ao plantio de algodão, e das outras, que não concordavam de forma nenhuma e até fugiam para não serem mortas” (Potiguara 18). Ela ainda lembra que as crianças choraram muito, e as lágrimas dos pequenos encharcaram a terra. Dessa maneira, a força das lágrimas invocou os espíritos, chamados de curandeiros e curandeiras, de uma geração antiga. Após isso, “voltaram também o amor, a paz, a saúde, o trabalho e a música”. Além desses espíritos, surgiram “outras forças que orientavam a cultura daquele povo [...] e os espíritos anciãos e das anciãs do passado, do presente e do futuro tomaram a forma de milhares e milhares de passarinhos, que sobrevoaram as terras indígenas e cantaram as músicas mais belas do planeta terra” (Potiguara, 23).

Segundo a anciã, estas músicas permanecem vivas por meio das danças, que cultivam as forças ancestrais. Assim como os espíritos, “as crianças podem mudar o mundo, porque são rápidas como os coelhos, enxergam com os olhos do gavião e voam espiritualmente com asas de araras” (Potiguara, 28). Como vemos, as características infantis foram comparadas com os animais, numa relação de proximidade e afeto entre mundo humano e natureza.

As crianças, ao nascerem, herdaram os conhecimentos dos mais velhos e mais sábios, e o respeito e o reconhecimento por estes ensinamentos são gratificantes para os pequenos. Moína adormece ouvindo a história de sua avó, imaginando o que ela poderá mudar, haja vista que por meio do sonho os indígenas podem até mesmo promover a cura da terra.

As ilustrações da obra são de Rogério Soud, ilustrador experiente no ramo, porém um profissional não indígena, isto é, que não vive na comunidade potiguara e que não comunga das mesmas vivências, costumes, crenças e origens. A despeito disso, o projeto gráfico da obra é bem desenvolvido no que diz respeito ao diálogo entre o texto literário e a imagem, e oferece um tratamento adequado ao tema. O enredo da narrativa se desenvolve sem estereótipos, as ilustrações são baseadas na cultura Potiguara, desvencilhando-se da ideia de que todos os indígenas vivem em uma oca, longe da área urbana, remetendo à imagem da etnia dos indígenas norte-americanos. O conjunto de texto verbal e visual está adequado, em especial, ao público infantil, com destaque para a qualidade estética das imagens. Ademais, pudemos perceber que as ilustrações, em sua maioria, mantêm-se próximas ao que é relatado na narrativa. Isto é, as ilustrações convergem com o significado do texto verbal, assim o leitor irá observar esta coerência em sua leitura.

A obra *A Cura da Terra* retrata a história ancestral e oral indígena. A avó, por meio de seus conhecimentos e valores ancestrais, conseguiu fazer uma tragédia se transformar em uma lição de encorajamento e esperança para a neta. Podemos adaptar a lição para nossos dias, sobretudo, no contexto pandêmico, em que as relações estão distantes, em que acabamos esquecendo muitos de nossos valores intrínsecos e o respeito com os outros e com a terra, com quem poderíamos criar uma ligação harmônica.

O enredo gira em torno da pequena menina de cabelos longos Moína, criança de 8 anos, que gosta de fazer perguntas e de ouvir as histórias contadas pela avó. É importante frisarmos que a filha mais velha da autora Eliane Potiguara se chama Moína. Isto é, a personagem tem o mesmo nome da filha primogênita da autora. Nossa hipótese é de que o fato de serem homônimas foi motivado pela história da família de Potiguara que, como as personagens do livro, precisou fazer uma diáspora da Paraíba em busca de sobrevivência. Além desta similaridade, há uma relação entre a personagem avó e a avó da autora, Maria de Lourdes, mulher contadora de histórias, que teve a tristeza de dar à luz ao fruto de um estupro, e a quem foi dedicada a obra *Metade cara, metade máscara* (2004). Em ambas as mulheres vivem “os laços com os ancestrais, a cosmologia e a herança espiritual” (Potiguara, 2004 26).

Sobre a avó, trata-se de uma personagem feminina fundamental na narrativa e que representa a simbologia ancestral, pois ela tem a missão de compartilhar oralmente a herança ancestral de seu povo com as crianças. Por meio dela se valoriza a memória, os ancestrais, e a espiritualidade dos antepassados. Na obra, elencamos como marcas principais: a sabedoria feminina, a valorização da anciã, a história oral, a invasão das terras indígenas, a relação da avó com as novas gerações.

O narrador apresenta-se em terceira pessoa, relata os acontecimentos de modo externo à história, isto é, narra sem participar, sem interferir nos pensamentos e sentimentos das personagens. Porém ele se torna parcial ao atribuir adjetivos às personagens avó e neta, como, por exemplo, em: “a anciã conhece o jeitinho suave da neta, tão sedenta por entender o sentido da vida e a razão do existir” (Potiguara 8).

Outro fato interessante é que, na narrativa, existem os dois extremos de uma geração, isto é, a criança que marca o início da vida - curiosa, gosta de fazer perguntas, em busca de saberes; e a anciã que marca o final da vida, carrega as experiências, memórias ancestrais, histórias, os ensinamentos práticos e espirituais que repassará aos jovens, assim como explica Bosi (18) ao afirmar que os anciãos devem “lembrar e aconselhar [...] unir o começo e o fim”. Ademais, é notório que a narrativa apresenta o diálogo entre a avó e Moína de um modo gentil e carinhoso, para demonstrar o afeto entre elas, inclusive, há vários adjetivos nesse excerto, por exemplo, “jeitinho suave, pacientemente, sábia” (Potiguara 8-9).

Vejamos o diálogo inicial da neta e avó:

–Vovó, por que eu sou criança?

–Você é a transformação. Responde pacientemente a sábia senhora índia.

–Você é a vida em mágico movimento crescente [...].

Hoje, suas perguntas são diferentes das de ontem! Você está mudando todo dia, e assim é a transformação da vida, a bênção dos céus. (Potiguara, 9)

Este ponto do livro é atraente, pois, por meio do diálogo da avó e Moína fica evidente a reciprocidade e confiança que a senhora deposita na geração da neta. A idosa tem conhecimento que os saberes ancestrais são fundamentais para que as futuras gerações possam enfrentar as transformações da vida, sejam boas ou ruins. Sobre esta relação, a experiência do autor Daniel Munduruku com seu avô pode vir a colaborar:

Uma das lembranças mais agradáveis que tenho da minha infância é a de meu avô me ensinando a ler. Mas não ler as palavras dos livros e, sim, os sinais da natureza, sinais que estão presentes na floresta e que são necessários saber para poder nela sobreviver. Meu avô deitava-se sobre a relva e começava a nos ensinar o alfabeto da natureza: apontava para o alto e nos dizia o que o vôo dos pássaros queria nos informar. Outras vezes fazia questão de nos ensinar o que o caminho das formigas nos dizia. E ele nos ensinava com muita paciência, com a certeza que estava sendo útil para nossa vida adulta. Aos poucos fui percebendo que aquilo era uma forma natural de aprendizado e que tudo era real. Mesmo quando nos falava dos mistérios da natureza, das coisas que minha cabeça juvenil não compreendia, sentia que o velho homem sabia exatamente o que estava nos ensinando. Fazia isso nos contando histórias das origens, das estrelas, do fogo, dos rios. Ele sempre nos lembrava que, para ser conhecedor dos mistérios do mundo, era preciso ouvir a voz carinhosa da mãe-terra, o suave murmúrio dos rios, a sabedoria antiga do irmão-fogo e a voz fofoqueira do vento, que trazia notícias de lugares distantes. (Munduruku, 2017 1).

Nos dizeres do autor, o velho sábio, ao contar e ensinar, compreendia que era necessário essa mediação para a vida adulta do pequeno jovem, igualmente em *A Cura da Terra* (2015), a idosa tem a mesma certeza, ao responder as perguntas da neta, principalmente, no que diz respeito aos ensinamentos sobre a natureza, a floresta, a terra, como, por exemplo, “ouvir a voz da mãe-terra”, que são necessários para a sobrevivência. Estes saberes não são apenas histórias criadas, mas sim resultado de vivências cotidianas e do respeito com a natureza.

A avó é personagem considerada essencial ao enredo. A sua participação no livro é registrada na maior parte na oralidade e na memória, conforme segue nessa passagem “–Durma agora, Moína, e imagine o que você pode mudar [...]” (Potiguara, 31). No exemplo, embora a personagem não apareça de fato, participa ativamente de modo oral, ao narrar a história ancestral e no diálogo, sobretudo, ao dar conselhos à neta e ao ser uma inspiração ao leitor.

Nessa perspectiva, destacamos o diálogo das personagens: “–Mas agora eu estou com sono, vovó. Conte-me uma história, quero ter sonhos bonitos. –Está bem, vou contar... Preste atenção” (Potiguara, 10). Sublinhamos que a contação de histórias se constitui como uma característica predominante na narrativa, conforme notamos, principalmente, nos trechos “conte-me uma história” e “vou contar”. É importante frisarmos também as características das duas personagens: a criança é a pequena aprendiz, possui olhos atentos e cabelos escuros, atributos da etnia que no rosto contrastam com as marcas físicas da sábia avó que, por sua vez, apresenta cabelos brancos, sobrancelhas brancas e sinais de expressão, marcas do tempo.

A narração da avó é apresentada na oralidade por meio da memória ancestral da anciã. Para o autor Munduruku (2019 58): “nossa gente é um povo do presente”, sendo assim, apesar de estar e viver o hoje, para contar, a senhora precisa lembrar-se e resgatar a memória ancestral.

Muitos e muitos anos atrás, a mentira, a maldade e os vícios invadiram uma aldeia de nossos antepassados, que ficava à beira do grande oceano azul.

As mulheres adoeceram e ficaram tristes, não cantavam mais, nem pintavam o corpo [...].

A colaboração, a bondade, a coleta da água, a divisão do leite e cabra, de farinha e do peixe, tudo o que era bom sumiu daquela aldeia. Os animais sofriam, a terra ficou triste e ressecada, árida, dura, quebradiça, porque o Grande criador não mandava mais chuva. (Potiguara, 10-13).

Nesse fragmento, observamos a memória coletiva e a chegada do não indígena. A idosa, além de mencionar a desgraça e a exploração na aldeia dos antepassados, frisa a maldade trazida pelos brancos, lançado à terra e a tudo que a terra gera, água, alimentos.

Dorrigo (2018 249) salienta que “à terra sagrada ambicionada pelos brancos, à Grande Mãe que matam cada vez mais depressa em favor do lucro”. Em outras palavras, os não indígenas usam da terra para lucrar, do mesmo modo que não respeitam tudo que a mãe-terra pode oferecer, ao contrário dos indígenas, que mantem uma relação de reciprocidade com a terra e com a natureza.

Ademais, chama-nos atenção a ligação de respeito e responsabilidade que os indígenas têm para com a natureza, a cultura, a família e a união social, relações que ficaram profundamente abaladas, tanto física quanto espiritualmente. Jekupé (2009 17) ressalta que, “nações perderam sua cultura, porque a dominação do branco é muito perversa. Quando essas nações não tiveram mais sua língua, aí foram perdendo seus costumes que sempre foram ensinados oralmente”. À vista disso, o relato desta tragédia realizado pela avó para as crianças mostra que o mau existe e em forma de homem branco colonizador e invasor. Esse mau até hoje aterroriza as terras indígenas do país, ao envenenar o solo e os alimentos com seus agrotóxicos, sem pensar nas consequências aos humanos e ao meio ambiente, e sim apenas no lucro. Enfatiza-se o descaso da utilização da terra com equilíbrio, aproveitando-se ao máximo de seus recursos, como se fossem inesgotáveis, esquecendo-se do sistema cíclico de funcionamento, e dos efeitos adversos e negativos da falência e colapso que estão caminhando a passos largos.

Logo nas primeiras páginas, a personagem avó inicia um diálogo com a neta. Assim, fala da invasão dos homens brancos, clímax da história, a exploração da terra e das pessoas através da brutalidade, que a geração da neta não vivenciou. E, principalmente, das consequências para a terra e a aldeia, pois não se ouvia mais a natureza, nem sorrisos, nem alegria. No meio deste sofrimento, as lágrimas de tristeza das crianças, em contato com a terra, invocaram os espíritos curandeiros, de um passado ancestral, trazendo a normalidade de volta à aldeia. Na obra de Potiguara (2015 26), segundo a anciã, os dons dos ancestrais protegem a terra e curam as feridas do mundo.

Com efeito, a obra *A Cura da Terra* contempla uma excelente bagagem cultural, mostrando detalhes de convivência na aldeia, a natureza, os homens, a origem das coisas, a ancestralidade. Ainda, o lado obscuro do ser humano, que trouxe tristeza e desequilíbrio, ocasionado pela ganância. Também traz conhecimentos e aborda uma realidade análoga aos tempos que estamos vivenciando, esse contexto pandêmico, de isolamento, perdas e inquietações. A desvalorização dos ensinamentos ancestrais certamente faz com que nossos dias se tornem mais árduos, pior que isso, caminhamos para o fim da espécie humana na Terra, e reflexões sobre os velhos modos de agir e pensar, atreladas à relação da humanidade com a mãe Terra, o consumismo desenfreado, a necessidade de sempre desejarmos ter algo que não possuímos ainda, desencadeiam distúrbios ambientais de toda ordem. Devemos lembrar que a nossa história, a realidade

fora da obra, não termina aqui, e a forma pela qual vamos contar e instruir as próximas gerações poderá, ainda, se tornar uma história de inspiração.

### Considerações finais

Em *A Cura da Terra* (2015), obra escrita por uma mulher indígena, reconhecemos que as personagens centrais são Moína e a anciã, sua avó. A ancestralidade é mediada por meio do diálogo, em que as experiências da idosa, as memórias ancestrais, as histórias, os ensinamentos práticos e espirituais são relatados a neta. Estes saberes não são apenas histórias criadas, mas sim resultado de vivências cotidianas e de respeito e interação com a natureza.

Merece destaque a forma oralizada de manutenção e perpetuação dos saberes e conhecimentos realizada pela avó, ou seja, o ser feminino agenciando o desfazimento da ideia de que somente os homens seriam capazes de criar, enfrentar intempéries e colaborar na solução delas, além de nutrir a preservação da cultura indígena. Narrativas indígenas, tendo como protagonistas as mulheres, aumentam as esperanças de que um dia indígenas, principalmente mulheres, terão o mesmo espaço, visibilidade e oportunidades que o não indígena masculino possui em decorrência do processo de colonização europeia.

Em se tratando da nossa realidade, e também já fazendo projeções para o futuro, ao considerarmos nossa rotina pandêmica para a qual não há fim previsto e nossa ignorância quanto aos resultados catastróficos que ainda estão por vir, faz-se reflexão acerca do quanto poderíamos ter atenuado, ou até mesmo evitado, se déssemos mais ouvidos aos ensinamentos orais que nos preparam para ouvir o que a mãe natureza sempre tenta nos dizer. Ou se os valores e conhecimentos, tão grandemente apreciados pelos povos indígenas, que os fez sobreviver até hoje, dos velhos anciões, através da ancestralidade, fossem observados e seguidos pelos não indígenas. Ou se nós, ao contrário de criticarmos, fazermos suposições e criarmos estereótipos, valorizássemos mais o convívio, as histórias, a vida em comunidade. Todavia, *não conseguimos mudar mais nada do que passou. A história já está acontecendo aqui e agora, e o que nos resta é perceber que a cura da terra reside na ação de cada indivíduo e da coletividade, pois vivemos em sociedade, e cada movimento que se faz reflete em todos os seres, humanos e não humanos. Na medida em que não conseguirmos mais assimilar os valores ancestrais e a cultura dos antepassados não fizer mais sentido, a natureza, os humanos e a Terra manifestarão, cada vez mais imensamente, as doenças do planeta que estão em curso.*

Ao fim de nosso breve estudo, concluímos que *A Cura da Terra* (2015) demonstra aspectos da cultura indígena que confirmam que a ancestralidade está diretamente

ligada à prática da vida em comunidade, por meio da relação entre crianças, avó, animais; e que os saberes que a personagem anciã carrega são repassados aos pequenos por meio de histórias, de forma oral, modo exemplar e eficaz para o cultivo da memória. Como vemos, esses conhecimentos são muito úteis e totalmente aplicáveis ao nosso dia a dia. Sendo assim, esperamos ter contribuído com as discussões relacionadas à literatura indígena, e especificamente, à ancestralidade, fazendo uma conexão com nosso atual cenário mundial, e multiplicando a reflexão para que a vida possa acontecer no planeta Terra de maneira harmônica e orgânica entre todos os outros seres que habitam a Terra Mãe.

### **Bibliografia citada**

- Bailey, Cristina Ferreira Pinto, e Regina Zilberman. “Entrevista de Daniel Munduruku a Cristina Ferreira Pinto Bailey e Regina Zilberman.” *Revista Iberoamericana*, vol. LXXVI, nº 230, enero-marzo, 2010, pp. 219-23.
- Benjamin, Walter. *Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política*. Brasiliense, São Paulo, 1987, pp. 197-221.
- Bosi, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. T. A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.
- Brasil. *Lei n.º 11.645, de 10 de março de 2008*. [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm).
- Candido, Antonio. *Vários Escritos*. Duas Cidades, São Paulo, 1995, pp. 335-363.
- Dorrigo, Julie. Autores indígenas refletem sobre literatura. *Estadão*. [correio.rac.com.br/\\_conteudo/2020/08/agencias/982097-autores-indigenas-refletem-sobre-literatura.html#](http://correio.rac.com.br/_conteudo/2020/08/agencias/982097-autores-indigenas-refletem-sobre-literatura.html#).
- Graúna, Graça. *Contrapontos da Literatura Indígena Contemporânea no Brasil*. Mazza Edições, Belo Horizonte, 2013.
- IBGE Censo Demográfico. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2011. v. 15, 2010. [indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/lingua-falada](http://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/lingua-falada)
- Jekupé, Olívio. org. *As Queixadas e outros contos Guarani*. FTD, São Paulo, 2013.
- . *Literatura escrita pelos povos indígenas*. Scortecci, São Paulo, 2009.
- Minapoty, Lia. *Lua-menina e menino-onça*. Illus. Suryara Bernardi. Editora RHJ, Belo Horizonte, 2014.

Munduruku, Daniel. “A escrita e a autoria fortalecendo a identidade.” *Povos indígenas no Brasil*. 2017.

pib.socioambiental.org/pt/A\_escrita\_e\_a\_autoria\_fortalecendo\_a\_identidade.

---. *Das coisas que aprendi: ensaios sobre o bem-viver*. Uka Editorial, Lorena, 2019.

---. “Três reflexões sobre os povos indígenas e a Lei 11.645/08.” *Revista Moitará. 1º Encontro Brasil Indígena: A temática indígena na escola. Edição Especial*, vol. 1, nº 1, 2014, pp. 19-23.

Pinto, Milena Costa, e Elizabeth Gonzaga de Lima. “Metade cara, metade máscara: uma escrita-testemunho tecida entre os fios da memória.” *Abralic*. 2017. [www.abralic.org.br/anais/arquivos/2017\\_1522243365.pdf](http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2017_1522243365.pdf).

Potiguara, Eliane. “Metade cara, metade máscara.”. *Projeto Mulher 500 Atrás dos panos*. São Paulo, 2004. [www.mulher500.org.br/o-projeto/](http://www.mulher500.org.br/o-projeto/).

---. *A Cura da Terra*. Ilus. Soud. Editora do Brasil, São Paulo, 2015.

Rodrigues, Aryon Dall’Igna. “Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas.” *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, vol. 9, nº 1, 1993.

Werá, Kaká. *Kaká Werá*. Org. Kaká Werá. Azougue Editorial, Rio de Janeiro, 2017.